

# EL VIOLADOR ERES TU

## A DESTRUTIVIDADE DO PODER PATRIARCAL E SUPREMACISTA BRANCO NO CAPITALISMO EM COLAPSO EXPRESSA NA ELITE DO AGRONEGÓCIO EM MATO GROSSO

Lélica Elis Pereira de Lacerda<sup>1</sup>  
Franklin Gouveia de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** Mato Grosso foi o estado com o maior índice de feminicídios em 2024 e já superou suas marcas em 2025. Sendo sua capital, Cuiabá, considerada a capital do agronegócio e tendo sua economia centrada no agroextrativismo, o objetivo deste artigo é demonstrar a relação entre a destrutividade da ação das elites contra a natureza, as mulheres e a democracia, como expressão da dinâmica patriarcal inerente à base econômica. Além do estudo bibliográfico sobre o feminismo classista e marxista, este artigo pauta-se em dados estatísticos e estudos documentais do grupo “De Olho nos Ruralistas”, bem como em dados presentes em matérias jornalísticas locais. O que se pode apreender é que a concentração de terras nas mãos dos coronéis significa também a concentração de poder, o que gera um ambiente particularmente nocivo às mulheres.

**Palavras-chave:** Crise do capital; Fascismo; Ultraliberalismo; Violência contra mulheres.

---

1 Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora do departamento de Serviço Social da UFMT e da pós-graduação em Política Social da UFMT. Assistente Social graduada pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre e Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [lelica.lacerda@ufmt.br](mailto:lelica.lacerda@ufmt.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4039266815703189>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6156-7823>

2 Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Estudante do curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pesquisador no Laboratório Nenhuma a Menos e Extensionista no Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Trabalho, Questão Social e Serviço Social (GEPTQSS). E-mail: [franklin.lima@sou.ufmt.br](mailto:franklin.lima@sou.ufmt.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8502623259485993>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7315-2298>

## THE VIOLATOR IS YOU THE DESTRUCTIVENESS OF PATRIARCHAL AND WHITE SUPREMACIST POWER IN COLLAPSING CAPITALISM EXPRESSED IN THE AGRIBUSINESS ELITE IN MATO GROSSO

**Abstract:** Mato Grosso had the highest rate of femicides in 2024 and has already surpassed its figures in 2025. With its capital, Cuiabá, considered the agribusiness capital and its economy centered on agro-extractive activities, this article aims to demonstrate the relationship between the destructive actions of the elites against nature, women, and democracy, as an expression of the patriarchal dynamics inherent in the economic base. In addition to a bibliographic study on class-based and Marxist feminism, this article relies on statistical data and documentary studies from the “De Olho nos Ruralistas” group, as well as data from local news articles. What can be gleaned is that the concentration of land in the hands of the local landowners also signifies the concentration of power, which generates a particularly harmful environment for women.

**Keywords:** Crisis of Capital; Fascism; Ultraliberalism; Violence against women.

### Introdução

Diante do avançado estágio da luta de classes, a emancipação humana nunca esteve tão longe do horizonte histórico; ao mesmo tempo, nunca foi tão necessária, já que a subsistência da espécie requer a alteração radical do metabolismo social capitalista, caduco em suas contradições internas e em um estágio altamente destrutivo.

A análise teórica indica que a crise do capital se expressa como uma crise civilizatória que rebate nas diversas dimensões da vida no planeta: no colapso ambiental, na escalada fascista em termos globais, na intensificação dos conflitos bélicos e na instabilidade política. Nesta esteira, o capital oferece apenas o aprofundamento das hierarquias de gênero e raça.

Considerando que até as relações mais íntimas são determinadas pela sociabilidade vigente, defende-se que os elevados índices de violência contra as mulheres constituem expressão do caráter destrutivo das relações humanas sob o capital em crise. A intensificação da destrutividade nas relações de gênero revela-se, portanto, como manifestação de uma base econômica igualmente destrutiva.

Mato Grosso foi o estado com o maior índice de feminicídios em 2024 e já superou suas marcas em 2025. Sendo sua capital, Cuiabá, considerada a capital do agronegócio e tendo sua economia centrada no extrativismo agrário, o título deste trabalho faz referência à música que marcou a ação política do movimento feminista chileno em 25 de novembro de 2019, dia de enfrentamento à violência contra as mulheres. O objetivo deste artigo é demonstrar a relação entre a destrutividade da ação das elites contra a natureza, as mulheres e a democracia como expressão da dinâmica patriarcal inerente à base econômica em crise estrutural.

Para tanto, executaremos um estudo bibliográfico sobre Marx (2011) e Harvey (2014) para tratar da dinâmica capitalista; Lukács (2013) para tratar da emergência fascista e Cesáire (1978) para falar do colonialismo. Pautaremos a dinâmica capitalista dependente brasileira com Sampaio Júnior (2005) e Fernandes (2005).

Além do estudo bibliográfico, este artigo se pauta em dados estatísticos encontrados em matérias da mídia local que retratam melhor a dinâmica da violência contra mulheres no estado de Mato Grosso e estudos documentais do relatório “Agrogozpistas: Quem são os 142 fazendeiros ou empresários do agronegócio que financiaram a tentativa de golpe no Brasil”, lançado pelo observatório “De olho nos ruralistas” em 2025.

## 1. Crise do capital, reversão neocolonial e Agroextrativismo<sup>3</sup>

A força motriz da sociedade de mercado é o capital, que organiza as relações de produção de riqueza de modo a, a cada ciclo econômico, concentrar mais dinheiro nas mãos de poucos, enquanto empobrece a maioria.

No capítulo 23 de *O Capital*, ao tratar da “Lei Geral da Acumulação Capitalista”, Marx (2011) aborda a produção ampliada de capital, situação em que o burguês, na condição de dono dos meios de produção, investe seu capital em maquinários, matérias-primas e salários para gerar mercadorias com valor do trabalho humano agregado. Trata-se de uma relação de assalariamento que oculta o tempo de trabalho não pago, viabilizando que o valor produzido pelo trabalho se concentre nas mãos do capitalista sob a forma de lucro.

Logo em seguida, no capítulo 24, denominado “A assim chamada acumulação primitiva”, Marx (2011) demonstra como a pilhagem de recursos, por meio do uso da força das armas e do Estado, serviu como meio para a acumulação de riqueza. Esse processo viabilizou a emergência do capital como relação econômica que, a partir do estabelecimento das relações mercantis, aparta os trabalhadores de seus meios de produção. O autor mostra, portanto,

---

3 Segundo Melo (2017), o extrativismo é, no sentido mais básico, uma maneira de produzir bens na qual os recursos naturais úteis são retirados diretamente da sua área de ocorrência natural, em contraste com a agricultura, o pastoreio, o comércio, o artesanato, os serviços ou a indústria. Esta diferença se dá pelo fato de que, no extrativismo, os produtos podem ser coletados, recolhidos, extraídos ou capturados sem necessidade de tratamentos anteriores, pois foram espontaneamente gerados e, em seus ciclos biológicos, não houve intervenção humana. Estou tratando por agroextrativismo a atividade econômica de tornar submeter bens naturais ao ciclo de reprodução do capital, seja na produção de produtos agrícolas, ou extração de commodities (como indústria da madeira, na mineração etc.).

que, por trás da aparência de trocas mercantis entre iguais, existe, além da troca desigual no assalariamento, a relação de expropriação da classe trabalhadora pelo uso da força.

Isso porque a sustentação de um modo de produção em que trabalhadores possam viver a condição de força de trabalho (apartada dos meios de produção e consumo) tem-se o constante processo de espoliação, nas palavras de Harvey (2014) ou expropriação, conforme Fraser (2020); portanto, a dinâmica descrita por Marx (2011) no capítulo 24 não se trata de algo que ocorreu nos primórdios da sociedade mercantil e se extinguiu na medida em que as relações mercantis se hegemonizaram, ao contrário, o atual estágio da crise do capital e se recicla, reciclando consigo o poder patriarcal e branco das burguesias internacionais.

Harvey (2014) recorda que Rosa Luxemburgo demonstra que, quanto mais a economia capitalista se expande, maior ela precisa ser. Nesse processo, necessita crescer para o “lado de fora” do capital, ou seja, mercantilizar áreas até então alheias ao seu ciclo. O autor adverte, ainda, que desde a crise que assolou a economia estadunidense em 2008-2009 e a consequente perda de sua hegemonia mundial para a China, os EUA vêm intensificando sua ação neocolonial globalmente. Trata-se de uma dinâmica em que se intensifica o uso da força para obter acesso a recursos naturais e áreas estratégicas, visando garantir vantagens na competição internacional, de forma complementar à produção ampliada de capital para seu crescimento econômico.

Assim, o autor argumenta que o neoliberalismo reativa o neocolonialismo, valendo-se da força, seja ela bélica, estatal ou o *soft power*<sup>4</sup> via redes sociais, para privatizar “terras comuns”. Por “terras

---

4 O *soft power* consiste na capacidade de um país influenciar outros por meio da atração cultural, dos valores políticos e da diplomacia, sem recorrer ao uso da força ou da coerção (CAPELA, 2023).

comuns”, o autor compreende tanto o território físico, a exemplo de terras indígenas ou quilombolas ameaçadas pelo avanço capitalista, quanto os bens comuns, como o Sistema Único de Saúde (SUS), a rede pública de educação ou o fundo de previdência. No caso das aposentadorias, por exemplo, sob pressão de instituições financeiras internacionais, o Estado nacional é compelido a alterar as regras previdenciárias. O objetivo é que a classe trabalhadora se aposente mais tarde e receba menos, garantindo que restem recursos para a amortização de juros da dívida pública.

Coadunando com a perspectiva de Harvey (2014), que analisa a crise do capital a partir dos EUA, Sampaio Júnior (2005) defende que a atual crise recai sobre a periferia do capitalismo como uma dinâmica neocolonial, analisando como tal processo se expressa no Brasil. Se o país é fruto de uma revolução burguesa incompleta, que não alcança soberania nacional em virtude de sua posição subalterna no mercado internacional, na qual as elites brasileiras atuam como sócias minoritárias do capital estrangeiro, a reversão neocolonial reduz ainda mais a autonomia dessas elites e governos. O “tarifaço” de Trump, imposto ao Brasil como chantagem para obter acesso às nossas terras raras, é uma demonstração contundente desse fenômeno.

Diante do processo de desindustrialização que o Brasil passa, expressão da dinâmica neocolonial, Sampaio Júnior (2005) afirma que o caráter agroexportador do Brasil se intensifica e as elites nacionais precisam realizar seu serviço sujo de organizar a exploração de nosso povo para o enriquecimento de seus sócios-majoritários. Portanto, a serviço do capital internacional, nossas elites voltam seus vetores de violência e opressão contra seu próprio povo e assistimos a Vale e a Braskem dizimando pessoas e o meio ambiente, vemos o desmatamento da Amazônia e Cerrado se intensificando, o Pantanal

ter seus dias contados e a desertificação se estabelecendo como destino de nosso território.

Em Mato Grosso, região em que a industrialização se restringe à agroindústria, o carro-chefe da economia segue sendo os imensos latifúndios, que veem nas terras indígenas e quilombolas o único “lado de fora” para sua expansão. São coronéis que detêm terra, dinheiro e poder, frente a uma massa de trabalhadores e trabalhadoras fadada a explorações e opressões tão destrutivas quanto o impacto das plantations sobre o meio ambiente.

Acompanhamos a reversão neocolonial de um lugar em que a estrutura colonial se mantém intacta. Aqui, a luta de classes jamais deixou de ser armada, e as elites locais não têm nenhum receio de expressar seu ódio contra indígenas, quilombolas, negros e negras, mulheres e a população LGBTQIA+. Se o uso da força para a intensificação da exploração e da opressão é fundante do extrativismo agrário, a reversão neocolonial torna essas elites particularmente virulentas nas relações que estabelecem na luta de classes e com a natureza.

## **2. Crise do capital, fascistização da sociedade e agrofascismo**

Dentro do processo de reversão neocolonial, afirmamos, a partir de Harvey (2014), que a conta da crise do capital estadunidense recai sobre a classe trabalhadora, notadamente a da periferia capitalista sob sua influência. Trata-se de uma dinâmica neocolonial em que o uso da força é acionado para executar um projeto ultraliberal de devastação de direitos, visando intensificar a exploração e a expropriação da classe trabalhadora periférica. Essa violência não vem desacompanhada: traz consigo uma ideologia que sustenta tal investida. O autor afirma, então, que a ultradireita se articulará internacionalmente em

torno de projetos neoconservadores, pautados no moralismo e no fundamentalismo religioso.

É da crise do capital que advém, portanto, a polarização da luta de classes que assistimos emergir desde a crise de 2008-2009. O esfacelamento da sociabilidade pelas contradições inerentes ao capital faz com que a barbárie se apresente como o único destino possível à humanidade. Incapaz de conter a degradação da vida humana e ambiental, o capital manipula a realidade enquanto arrasta a espécie para a autoextinção. Daí decorre a necessidade de a extrema-direita lançar mão do fascismo na política mundial, estabelecendo a guinada autoritária como horizonte político dos países sob a ordem capitalista, a fim de imprimir, à força, seu projeto de intensificação da exploração humana e ambiental em níveis insustentáveis.

Portanto, o fascismo corresponde ao estágio de destrutividade que a crise do capital provoca desde sua base material. Lukács (2013) argumenta que quando Hitler é derrotado na II Guerra Mundial, os EUA adotarão sua política de mistificação, fundando um imperialismo manipulatório. O fascismo vive de mistificação e, conforme o autor, no fascismo a política se torna uma peça publicitária descomprometida com a verdade, pautada na manipulação de afetos para a persuasão da população entorno de projetos de interesse das elites.

A crise do capital assola o mundo do trabalho, deixando a classe trabalhadora cada vez mais jogada ao léu das leis de mercado cada vez mais hostis. O medo do amanhã incerto sem emprego, educação, saúde etc. torna milhares de mentes profundamente manipuláveis. Somado a isso, o avanço do movimento de mulheres, LGBTs, negros, indígenas, de pessoas com deficiência, etc. num contexto em que o capital destrói direitos trabalhistas faz com que homens brancos proletarizados estejam vivendo uma precarização

nunca imaginada na condição de privilégio que desfrutavam de sua posição na classe trabalhadora<sup>5</sup> e sentem ressentimento, não contra o capital que os assola, mas, manipulados pelo ódio, contra segmentos que eles estavam acostumados a subalternizar. É no contexto de ressentimento oriundo da vida arrasada pela crise do capital que os indivíduos se tornam manipuláveis e a irracionalidade impera e impõe, como diz Lukács (2013), a lógica fascista de pisar em cabeças para não ser pisado.

Pautados no autor, podemos inferir que, na crise, uma massa de trabalhadores (majoritariamente homens e brancos), ressentidos por terem perdido direitos e por verem seus privilégios contestados, terá na defesa da supremacia patriarcal e branca a única forma de sustentar seu valor e sua posição dentro da classe trabalhadora, o que os leva a oprimir os demais a partir de marcadores sociais discriminatórios.

O ponto de conexão entre os interesses dos monopólios em crise, da pequena burguesia (também com seus negócios em crise) e de segmentos da classe trabalhadora que se fascistizam reside justamente na defesa da supremacia patriarcal e branca. A fascistização da sociedade, uma necessidade de que parte dos grandes oligopólios capitalistas em crise mas que precisa encontrar sustentação política, utiliza-se das hierarquias de raça, gênero, sexualidade e idade para conferir caráter de massas a um projeto que atende aos interesses de apenas 1% da população mundial e que arrasta a humanidade à extinção.

---

5 Com isso, não estamos afirmando que homens brancos trabalhadores não sejam explorados pelo capital; contudo, sua condição de homem em uma sociedade patriarcal os coloca em uma posição de usufruto de privilégios masculinos. O mesmo se pode dizer sobre o fato de ser branco ou branca em uma sociedade hegemônica pela supremacia branca.

Pautadas em Lukács (2013), percebemos que o capital substituiu a solidariedade de classe pela luta individual pautada na opressão generalizada. Substituiu a ciência pela irracionalidade, os fatos por notícias falsas e o debate franco pelo pânico moral. O fascismo semeia o ódio aos servidores públicos para colher privatizações; semeia a misoginia para colher a subalternização das mulheres; e fomenta o racismo para viabilizar o controle de territórios e a militarização. Por essas vias, a extrema-direita brasileira forjou “patriotas” de verde e amarelo, que estendem a bandeira dos EUA no 7 de setembro enquanto estes taxam nossos produtos.

Estes são os sócios majoritários de nossas elites, as quais, lembremos Fernandes (2005), são imbuídas de traços coloniais profundamente preservados. O autoritarismo fascista, que expressa a supremacia patriarcal e branca, coaduna-se com o processo colonial que funda o poder dos coronéis, donos de imensos latifúndios que, além de concentrarem terras, concentram poder.

Se o fascismo precisa da misoginia e do racismo para subjugar povos e justificar a expansão de seu projeto, o colonialismo se utilizou do mesmo método para avançar sobre as terras brasileiras na expansão da colonização da costa (leste) rumo ao oeste (*far oeste*)<sup>6</sup>. Se os fascistas querem nossos minérios e recursos naturais, nossos coronéis estão loucos para tripudiar sobre nosso povo, vender o que é nosso e pegar a sua parte, nem que isso custe o futuro da humanidade.

O agroextrativismo de base colonial tem íntima semelhança com o fascismo e Cesáire (1978) nos explica a razão: em relação

---

6 Segundo o Infopédia – Dicionário da Língua Portuguesa (Porto Editora, 2003-2025), o termo designa, originalmente, a região do extremo oeste dos Estados Unidos da América e, em sentido figurado, refere-se a locais ou situações marcadas por elevado índice de criminalidade violenta ou pela ausência e desrespeito generalizado da lei.

ao nazismo, antes de serem vítimas, os europeus foram cúmplices. Antes de sofrer com ele, o legitimou, absorveu e naturalizou como forma de se relacionar com os não-europeus; concepção estreita e sordidamente racista que apenas escandalizou a Europa quando suas práticas deixaram de recair contra os corpos retintos e “selvagens” para recair em outros europeus, ainda que judeus.

Dentro deste processo de embrutecimento pela inferiorização do negro e do indígena, o branco, na condição de supremacia branca que o desumaniza, conforme Césaire (1978), traz dentro de si um “Hitler em potencial”. Isso ocorre porque a sociedade capitalista é incapaz de fundamentar os direitos das pessoas, tanto quanto se revela impotente em fundar uma moral individual. O mesmo cristão que afirmou abdicar de sua vida para servir a Deus e veio às Américas, matou, estuprou e pilhou riquezas, e segue o fazendo quando, por exemplo, a serviço de empresas internacionais, implementa o garimpo ilegal que põe em xeque a existência dos Yanomami. Conclui o autor: “[...] No fim do humanismo formal e da renúncia filosófica, há um Hitler” (CÉSAIRE, 1978, p. 19).

Assim, o giro dos grandes monopólios em direção ao fascismo cria um espelho no qual a elite local se vê representada, assim como todas e todos aqueles que, de alguma forma, beneficiaram-se de tais estruturas. Estão, portanto, mais passíveis de reverberar esse discurso: os homens machistas, que secularmente acreditam possuir direito sobre o corpo das mulheres; os brancos, que expandiram seu modelo de propriedade privada ao mundo ocidental e detêm o domínio econômico, político e simbólico; e os autoritários, que visam comandar o Estado sem participação popular. Foi assim que homens brancos cristãos propuseram e elegeram um nome como o de Bolsonaro e quase conduziram um golpe de Estado.

### **3. Emergência do fascismo e Agrogolpismo**

As jornadas de junho de 2013 foram o ponto em que a conciliação de classes perdeu o controle sobre a classe trabalhadora. Insatisfeita com a deterioração das condições de vida causadas pela agenda neoliberal, a população foi às ruas, em plena Copa do Mundo de futebol masculino, para dizer que não queria estádios “padrão Fifa”, mas sim hospitais, escolas e transporte público de qualidade.

Por mais que a motivação das pessoas fosse de efetivo interesse da classe trabalhadora, a classe não tinha clareza sobre o que precisava ser alterado para obter serviços públicos de excelência. Carentes de uma direção política revolucionária, as massas foram convertidas em base para o golpe de Estado contra Dilma Rousseff, no qual Michel Temer assumiu o governo para empreender contrarreformas que caminharam na direção oposta aos anseios populares.

O golpe de Estado que depôs Dilma Rousseff tinha como alvo os direitos da classe trabalhadora, imediatamente atacados por medidas que aprofundaram a austeridade. A intensificação dessa política e o corte de direitos demandaram uma guinada no centro de gravidade da política brasileira, deslocando-a à direita. Tal deslocamento ocorreu a tal ponto que, com o impedimento de Lula nas eleições de 2018 pela ação da Operação Lava Jato, Geraldo Alckmin tornou-se moderado demais, e Bolsonaro emergiu como o candidato da ordem, representando a chegada da elite fascista ao poder pelo voto, tal como Trump nos EUA.

Abriam-se, então, tempos de “passar a boiada”, nos quais terras indígenas e quilombolas tornaram-se territórios ameaçados. A esquerda, as feministas, a população LGBTQIA+, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tornaram-se alvos de violência aberta,

enquanto os serviços públicos eram desmontados aceleradamente. O anticientificismo tomou conta da política de saúde em plena pandemia de COVID-19 e da política ambiental em meio ao colapso climático, este último solenemente negado em nome dos interesses do extrativismo agrário submetido ao capital internacional.

Se para a classe trabalhadora os quatro anos do governo Bolsonaro foram intermináveis e profundamente destrutivos, para as elites foram insuficientes, e estas precisavam se reconduzir ao poder. O arrocho salarial, a escalada da inflação, a deterioração dos direitos trabalhistas e do sistema de proteção social, aliados à péssima gestão da pandemia, davam indícios de que não seriam capazes de vencer as eleições. Começa, então, a movimentação golpista que, conforme o observatório “De Olho nos Ruralistas”, inicia-se em 2021 por meio do “Movimento Brasil Verde e Amarelo”, liderado pelo então presidente da Aprosoja, Antonio Galvan, e culmina na tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito em 8 de janeiro de 2023.

Segundo este observatório, dos 142 fazendeiros e empresas identificados no levantamento da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) sobre o financiamento do agronegócio aos bloqueios de rodovias, 74 estão baseados em Mato Grosso, 17 em Goiás e 13 na Bahia. Os três estados respondem por 71% dos nomes consolidados pelo levantamento.

[...] A relação com o agronegócio é escancarada: juntos, eles compõem o principal corredor produtivo da soja no país, responsável por 47% da safra nacional. Os dez municípios líderes na produção do grão estão dentro desse “arco” — que corre paralelo, mais a leste, do Arco do Desmatamento na Amazônia. Foi justamente desse eixo de onde saiu a maior parte dos caminhões identificados no QG do Exército em Brasília. E mais: 56 dos 234 veículos vistoriados tinham origem em Sorriso (MT), o maior polo produtor de soja do mundo (CASTILHO; FIALHO; BASSI, 2025, P. 17-18).

O observatório conclui que, por mais que tenha havido a participação de setores do capital industrial e rentista, o carro-chefe do fomento e do financiamento da tentativa de golpe de 2023 foi o agronegócio.

**Figura 1 - Mapa do Cerco golpista a Brasília**



Fonte: CASTILHO; FIALHO; BASSI (2025)

Neste mesmo gráfico, lista as cidades em que há investigados e a quantidade de financiadores sob investigação. Desta lista, constam as seguintes cidades de Mato Grosso: Sorriso (34); Nova Mutum (9), Nova Ubiratã (5); Água Boa (5) e Vera (3).

Não por acaso, as cidades que abrigam o agrogolpismo são aquelas que apresentam os maiores índices de violência no Estado.

Segundo o Atlas da Violência, Sorriso foi a 4ª cidade mais violenta do Brasil e lidera o ranking de estupro de vulnerável por habitante<sup>7</sup>.

No segundo ano consecutivo em que Mato Grosso se torna o estado que mais mata mulheres no Brasil, Sorriso e Sinop ficam juntas na terceira posição, cada qual com 15 feminicídios, sendo Cuiabá, a capital, a campeã com 20. Mas se compararmos os índices de violência em relação a população, conforme o senso de 2022, Sorriso se torna campeão, já que Sorriso tem por volta de 110 mil habitantes; Sinop tem 216 mil habitantes e Cuiabá tem 691 mil habitantes.

Esse quadro se insere em um contexto mais amplo de violência estrutural, uma vez que, em 2023, o estado de Mato Grosso registrou uma taxa de 2,5 feminicídios por 100 mil mulheres, a mais elevada do país naquele ano. Apesar de uma leve redução percentual em relação a 2022, o estado manteve-se acima da média nacional e ocupou posição de destaque negativo no ranking brasileiro. Em 2024, Mato Grosso permaneceu liderando esse cenário crítico, mantendo a mesma taxa de feminicídios, o que evidencia a persistência da violência letal contra mulheres no território estadual (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2025; DIÁRIO DE CUIABÁ, 2024).

Assim, busca-se demonstrar que a exploração estrutural, intensificada por marcadores de raça e gênero e impulsionada pelas dinâmicas do mercado, encontra no caráter conservador das elites brasileiras um agente de reprodução das desigualdades. Conforme aponta Saffioti (2015), patriarcado e capitalismo não operam de forma separada, mas constituem sistemas imbricados, formando um “nó frouxo” que articula as opressões de classe, raça/etnia e gênero.

---

7 Informação disponível em: <https://primeirapagina.com.br/seguranca/sorriso-em-mt-e-a-4a-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-estudo/>. Acesso em: 08 out. 2025.

Em Mato Grosso, especialmente em sua fronteira amazônica, essa articulação se expressa em ataques sistemáticos à democracia, ao meio ambiente e à dignidade humana, revelando a persistência de uma sociabilidade marcada pela dominação e pela violência.

É crucial compreender que o processo de colonização do Brasil foi, em sua essência, um ato de expropriação de terras. A narrativa oficial do “descobrimento” mascara o fato de que o território já era habitado por inúmeros povos indígenas (MAIA, 2025). Em Mato Grosso, essa expropriação é um processo contínuo, descrito por Barros (2018) como a “territorialização do capital”, na qual a expansão do agronegócio expulsa sistematicamente as populações camponesas.

Conforme Barros (2018), esse modelo substituiu as identidades tradicionais, como ribeirinhos e posseiros, por novas, baseadas na própria expropriação, a exemplo de “sem-terra” e “quilombola”, o que expõe um conflito social nítido. Nesse contexto de poder, Mato Grosso exemplifica a perpetuação da violência por meio de “coalizões de forças” políticas, como a bancada “BBB” (Boi, Bala e Bíblia), cujos interesses reforçam as estruturas de poder locais (TATEMOTO, 2019).

Conforme apurado por Tatemoto (2019), essa coalizão passou por uma reconfiguração numérica interna que manteve sua força:

A chamada bancada BBB – “boi, bala e Bíblia”, coalizão de representantes do agronegócio, da linha dura na segurança pública e do fundamentalismo cristão – passou por uma reconfiguração numérica em seu interior. Entre 2014 e 2018, os ruralistas eram 109 deputados. A partir de 2019, serão 77. Em movimento inverso, cresceram os evangélicos e os defensores da indústria armamentista. Os primeiros passaram de 75 para 85, ao passo que a bancada da bala passou de 35 para 61 deputados. Computados juntos, foram de 219 para 223. (TATEMOTO, 2019).

A recente aprovação, em regime de urgência, do projeto que cria a Bancada Parlamentar Cristã (CÂMARA DOS DEPUTADOS,

2025) levanta sérios questionamentos sobre seus impactos institucionais. Ao conceder a esta bancada o direito de participação com voz e voto nas reuniões do Colégio de Líderes, prerrogativa antes restrita aos partidos políticos, a medida gera um intenso debate sobre a separação entre Estado e religião.

Esse movimento é visto como um profundo tensionamento do princípio do Estado laico, pilar da República Federativa do Brasil. A Constituição de 1988 é explícita ao garantir a neutralidade estatal em matéria religiosa, vedando o estabelecimento de cultos ou igrejas, bem como sua subvenção (BRASIL, 1988). A formalização de uma bancada confessional com poder de liderança partidária pode, portanto, ser interpretada como uma violação da laicidade, princípio fundamental para a garantia da liberdade de crença (Art. 5º, incisos VI e VIII).

É nesse cenário de avanço do fundamentalismo e do conservadorismo que Mato Grosso apresenta uma alta incidência de violência contra a mulher. O machismo estrutural culmina em índices alarmantes de feminicídio, os quais, segundo Vilela (2025), provocam impactos sociais profundos, como o caso das 80 crianças que ficaram órfãs apenas em 2025. Essa tragédia humana é o custo social direto do modelo de poder extrativista agrário analisado ao longo deste artigo.

## **Considerações finais**

Este artigo relacionou a atual destrutividade capitalista ao colapso climático e à degradação das relações de gênero. Sob o sistema patriarcal e racista, a hierarquização das pessoas visa apenas à maximização dos lucros, ignorando as consequências socioambientais.

Demonstramos que a exploração ultraliberal, o neoconservadorismo fascista e o golpismo das elites do extrativismo agrário convergem na compressão da democracia e na violação dos corpos femininos. Sendo a crise do capital a dinâmica totalizante desses fenômenos, sua superação exige enfrentar o metabolismo social capitalista. Assim, a emancipação humana e o combate à elite do agronegócio tornam-se urgentes: perder a luta pela Amazônia e pelo Cerrado significa perder a luta pela vida das mulheres e da humanidade.

Essa conexão tem endereço certo. Como demonstrado, as cidades-sede do “agrogolpismo” lideram as estatísticas de violência. Sorriso, maior polo de soja do mundo e epicentro do financiamento golpista, é também recordista em estupros e feminicídios. A lógica patriarcal da posse, que expropria a terra, é a mesma que reivindica o domínio sobre o corpo da mulher. A tragédia das 80 crianças órfãs em Mato Grosso prova que a elite do agronegócio e o sistema que a sustenta encarnam, de fato, o próprio “Violador”.

*O patriarcado é um juiz*

*Que nos julga por nascer*

*E nosso castigo*

*É a violência que você vê.*

*É feminicídio.*

*Impunidade para o meu assassino.*

*É o desaparecimento.*

*É o estupro.*

*E a culpa não era minha, nem onde estava, nem como vestia*

*O estuprador era você.*

*O estuprador é você.*

(COLECTIVO LAS TESIS, 2019, tradução nossa).

## Referências

BARROS, Ilena Felipe. O agronegócio e a atuação da burguesia agrária: considerações da luta de classes no campo. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 131, p. 175-195, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/Tw3vz4S59FgfcX6TPtHPyVv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 30 out. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Deputados aprovam urgência para projeto que cria a bancada cristã da Câmara**. Brasília, 22 out. 2025. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1214915-deputados-aprovam-urgencia-para-projeto-que-cria-a-bancada-crista-da-camara-acompanhe>. Acesso em: 30 out. 2025.

CAPELA, Filipe. “*Soft power*” é estratégia para países conquistarem poder e prestígio sem o uso da força. **Jornal da USP**, São Paulo, 27 set. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/soft-power-e-estrategia-para-paises-conquistarem-poder-e-prestigio-sem-o-uso-da-forca/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

CASTILHO, Alceu Luís (coord.); FIALHO, Bernardo; BASSI, Bruno Stankevicius; FOGAÇA, Felipe; NICOLAV, Vanessa; LOURENÇO, Gaia. *Agrologistas*. São Paulo: **De Olho nos Ruralistas**, 25 jun. 2025. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/wp-content/uploads/2025/06/Agrologistas-2025.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

CÉSAIRÉ, A. **O discurso sobre o colonialismo**. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

COLECTIVOLASTESIS. **Un violador en tu camino**. [Performance]. Valparaíso, Chile, 25 nov. 2019. 1 vídeo (3 min 43 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4>. Acesso em: 30 out. 2025.

DIÁRIO DE CUIABÁ. **Mato Grosso tem a maior taxa de feminicídios do país, diz fórum**. Cuiabá, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://www.diariodecuiaba.com.br/cidades/mato-grosso-tem-a-maior-taxa-de-femicidios-do-pais-diz-forum/676087>. Acesso em: 18 dez. 2025.

FERNANDES, F. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 5. ed. São Paulo: Ed. Globo, 2005.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 18 dez. 2025.

HARVEY, D.O **Novo Imperialismo**. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do Ser Social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAIA, Dominique. Descobrimento do Brasil em 1500: descoberto ou invadido?. **Politize!**, 17 abr. 2025. Disponível em: <https://www.politize.com.br/descobrimento-do-brasil/>. Acesso em: 30 out. 2025.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Livro 1, v. 2.

MELO, Sued Wilma Caldas. Desenvolvimento Rural no Cerrado, Desenvolvimento e Envolvimento das Famílias Agroextrativistas. **Guaju: Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 111–131, 2017. DOI: 10.5380/guaju.

v3i1.51522. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/51522>. Acesso em: 08 out. 2025.

OKDE, Nathalia. *Sorriso em MT é a 4ª cidade mais violenta do Brasil, diz estudo*. **Primeira Página**, Sorriso, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://primeirapagina.com.br/seguranca/sorriso-em-mt-e-a-4a-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-estudo/>. Acesso em: 08 out. 2025.

PORTO EDITORA. **Faroeste**. In: Infopédia – Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2025. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/faroeste>. Acesso em: 30 out. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015. 160 p. ISBN 978-85-7743-262-2.

TATEMOTO, Rafael. Bancada BBB se reconfigura e pode ampliar influência nos próximos quatro anos. **Brasil de Fato**, 12 fev. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/12/bancada-bbb-se-reconfigura-e-pode-ampliar-influencia-nos-proximos-quatro-anos/>. Acesso em: 30 out. 2025.

VILELA, Nickolly. O impacto invisível do feminicídio: 80 crianças ficaram órfãs em Mato Grosso apenas neste ano. **Expressão Notícias**, 26 out. 2025. Disponível em: <https://www.expressaonoticias.com.br/o-impacto-invisivel-do-femicidio-80-criancas-ficaram-orfas-em-mato-grosso-apenas-neste-ano/>. Acesso em: 30 out. 2025.